

PAULO FREIRE: O LIVRO/CORPO E A LIBERTAÇÃO DO OPRIMIDO

Autor: Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA)- E-mail: allandiego_st@hotmail.com

Co-autora: Keycie Veloso Barros

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA) – E-mail: keycie.veloso@gmail.com

Co-autora: Vanessa Alves da Silva

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA) – E-mail: vanessaalvessilva951@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo estudar a atualidade da Pedagogia do Oprimido tecendo uma busca reflexiva dos processos de humanização e identificação dos sujeitos oprimidos na sociedade atual. A questão que norteou esta pesquisa é: quais os aspectos que possibilitam (re)pensar a atualidade da Pedagogia do Oprimido em consonância com a realidade social, levando em consideração os sujeitos oprimidos e os processos que devem humanizá-los? A partir dessa inquietude, esta pesquisa está alicerçada na abordagem qualitativa e em estudos bibliográficos, sobretudo, na obra Pedagogia do Oprimido que este ano (2018) comemora 50 anos de existência. Nas considerações inferiu-se uma gama de questionamentos acerca das identidades dos sujeitos oprimidos e dos percursos que a educação deve oportunizar para que as veredas do conhecimento e das relações sociais sejam permeadas de processos de humanização. As indagações a partir do corpus teórico-epistêmico não pretendem aqui desmistificar ou apontar esses processos de modo objetivo; pelo contrário, a perspectiva desta pesquisa é suscitar uma atividade do pensamento, um exercício de reflexão em busca de conscientização.

Palavras-chave: Paulo Freire; Pedagogia do Oprimido; Ser mais.

Introdução

A Pedagogia do Oprimido este ano (2018), comemora 50 anos de existência e a presente obra “alçou voos” em diversos territórios mundo nos mais diversos solos acadêmicos, levando educadores/as e educandos/a à reflexão acerca da denúncia/anúncio dos processos de desumanização e humanização. A problemática que cintila horizontes ao nosso estudo é: quais os aspectos que possibilitam (re)pensar a atualidade da Pedagogia do Oprimido em consonância com a realidade social, levando em consideração os sujeitos oprimidos e os processos que devem humanizá-los? A partir disso, objetivou-se estudar a atualidade da Pedagogia do Oprimido tecendo uma busca reflexiva dos processos de humanização e identificação dos sujeitos oprimidos na sociedade atual.

A temática que esta pesquisa se propõe busca favorecer uma atividade do pensar a obra freireana e também a realidade social atual. Assim sendo, torna-se de suma importância para o

âmbito escolar e também para a formação dos sujeitos sociais os quais devem traçar uma caminhada de ensino e aprendizagem que os leve ao empoderamento do pensar crítico. Desta forma, esta pesquisa bibliográfica contribui para a reflexão da obra freireana que neste ano completa 50 anos de história e contribuições para a sociedade do conhecimento e para as práticas educativas e pedagógicas que se forjam no chão da escola.

Ao tecer esses trilhos que engajarão as reflexões teórico-metodológicas da presente pesquisa, compreende-se que esta pesquisa científica é de caráter qualitativo uma vez que se empreende conjecturar a respeito da atualidade da obra e seus sujeitos em um contexto hodierno. Não é o intento deste estudo saturar as compreensões hermenêuticas as quais estão submersas na obra e suas intersecções com as realidades e culturas diversas. A primeira reflexão gira em torno da figura emblemática de Paulo Freire enquanto um educador da Libertação, da Autonomia e da Esperança. Em segundo momento buscar-se-á refletir a dimensão educacional/social em diálogo com a pedagogia do Oprimido sobre o movimento de questionamentos a respeito de “quem são” esses sujeitos sociais oprimidos na sociedade atual. Contudo, não será definido, mas faremos itinerário metodológico fundado na pergunta que dará condições para ler a obra *Pedagogia do Oprimido* em diálogo com o mundo atual. Para isso, o estudo terá três momentos: 1) Paulo Freire: um livro corpóreo de vida sendo mais; 2) Forjando libertação em tempos de opressão; e, 3) Considerações.

Paulo Freire: um livro corpóreo de vida sendo mais

O saudoso prof. João Francisco de Souza em seu livro *Atualidade de Paulo Freire – Contribuição ao debate sobre a educação na Diversidade Cultural*, afirma: (2001, p. 59):

O pensamento de Paulo Freire nos leva à redescoberta da integralidade do ser humano. Na verdade, um pensamento que provoca a mudança não apenas da cabeça (o conhecimento); destina-se a contribuir com a construção da integralidade do ser humano, quer atingir o coração (o emocionar-se) e as mãos (o agir).

A partir destas palavras faz-se possível (re)desenhar a existência em diversidades e horizontes, e, ininterruptamente, ser conduzido pelo educador da libertação imaginando que este espaço/tempo em que constitui o chão educacional em coletividade é a sombra daquela mangueira. Sim, aquela em que o esperançoso Freire engravidava as palavras por sede de justiça e dignidade humana e parturejava a (re)existência por meio da consciência que nos move pela *práxis* freireana. É com este (re)criar, (re)inventar que as leituras do mundo devem preceder a

leitura da palavra e palavra engajada de sentido humano, pois há algumas palavras interpretadas pelas intencionalidades opressoras; por isso cálidas, acomodadoras. Cabe aos engajados nos processos educativos, entender, portanto, o que move os educadores e educandos aprendentes... Urge pensar, agir e agir com crítica. É o nascimento da *práxis* nas realidades sociais.

É assim que o pensamento freireano perpassa as veias da vida e torna-se um incansável paradigma crítico. Este não rebela somente as potências intelectivas, mas, também, como afirmou Souza (2001), a vida, a emoção, o coração, a força e, acima de tudo, o desejo de construir uma educação que forme sujeitos humanizados/as e humanizadores/as, emancipados/as. Com isso, apostar que “pela educação o homem pode chegar a ser humano. O homem não é, senão, o que a educação dele faz” (KANT, 1983, p. 30-31). A educação deve ser um projeto que permite aos seres humanos a humanização de si e dos outros. Por isso, a educação deve existir para evitar a barbárie (ADORNO, 1995, p. 119).

Freire possibilitou com a Pedagogia do Oprimido diversas leituras e, sobretudo, a partir de inumeráveis (con)textos, ou seja, não é só a Pedagogia do Oprimido que pode ser compreendida através de várias leituras, mas também as realidades podem ser (re)lidas à luz do pensamento freireano e possibilitar contextos transformadores. Assim, sobre a atualidade da obra os autores elucubram:

A obra de Paulo Freire inspira processos socioeducativos inovadores em várias partes do mundo. Na América Latina, há uma inegável influência do pensamento freireano na filosofia e na teologia da libertação e em inúmeras práticas educativas e sociais em diversas áreas. É importante desafiarmos a ler Freire a partir de novos cenários, principalmente, os que emergiram nos anos 90 em relação à realidade latino-americana. [...] Assim, a obra de Freire pode nos ajudar a ter mais clareza sobre essas questões, pois seu pensamento dialoga com outras leituras de mundo que convergem para uma perspectiva crítica e humanizadora das sociedades atuais (REDIN; STRECK; ZITKOSKI, 2017, p. 15).

A sociedade do conhecimento acostumou-se a iniciar falas, *corpus* de conteúdos indo diretamente ao corpus teórico de um pensador, mas não desconsiderar todas as condições que estão em volta e movimentam a vida de um texto na hora da sua escrita. Aqui optou-se por encetar pelo livro *práxico* que foi a vida de Paulo Freire. Segundo Sérgio Trombetta e Luis Carlos Trombetta (2017, p. 111):

Toda a vida e obra de Paulo Freire foram marcadas de forma coerente e radical pela decência, pela honestidade intelectual e pelo respeito incondicional a todas as pessoas. Freire viveu seu tempo com consciência, sensibilidade, ética

e um amor grandioso pelo ser humano, suas causas, sonhos, utopias. Foi uma pessoa decente, justa, carinhosa, um apaixonado pela vida, pelo povo simples, pelas pessoas próximas. Foi essa decência, essa coerência ética que o impulsionou a lutar sempre pelas causas dos homens e mulheres oprimidos, injustiçados, do mundo inteiro. Nesse sentido podemos dizer que a força de Paulo Freire como mestre e educador se deve não só à força teórica, mas também pelo que foi como gente, como ser humano, por sua relação com o povo, pela sua postura democrática, coerente, humilde, e pelo companheirismo ético-político com todos os que lutam pela libertação e humanização das relações humanas.

Desta forma, compreendemos que a discussão contida na obra *Pedagogia do Oprimido* não se torna apenas um pensamento a ser estudado na academia enquanto uma teoria sem elo com a realidade. Pelo contrário, ao mergulharmos na *Pedagogia do Oprimido*, é possível afirmarmos que vida e obra são uma construção única e repleta de horizontes e significados, uma vez que Freire amargurou “as perseguições” do contexto da Ditadura no Brasil, tendo que deixar o Brasil e viver no exílio, de 1964 a 1980. A partir disso, evidenciamos que Freire constitui uma pedagogia, como explicita: uma pedagogia do oprimido, não para os oprimidos. Assim sendo, Freire escreve a presente obra a partir de suas experiências próprias de opressão, causadas pela perseguição política que não permite o ato de pensar, pois esse emancipa, empodera e liberta. O livro foi escrito em 1968, no tempo do seu exílio no Chile. Proibido no Brasil da ditadura, teve sua primeira publicação nos Estados Unidos em 1970. Apenas quatro anos depois, em 1974, foi publicado no Brasil.

A partir do educador Paulo Freire é possível nos perguntar pelos rumos atuais do educador na relação com o educando... Será que os educadores que atuam em sala de aula constroem uma educação a partir do seu próprio testemunho? Será que os professores formam seus estudantes primeiro para a vida e, conseqüentemente, para uma profissão? Ou a profissão passou a ser a primeira intenção da educação? Em *Pedagogia do Oprimido* a educação humanizadora está em primeiro lugar. É o ser humano com sua vida, história, psique e tantas circunstâncias que marcam a vida de um cidadão... E o diálogo foi, faz ou ainda fará parte das nossas salas de aula? Ou o professor, por meio de suas expertises, é o dominador do saber?

Freire foi ao encontro dos esfarrapados, dos esquecidos, dos adultos não alfabetizados que mais tiveram negadas suas oportunidades de ser... E nós, ainda continuamos a negar o ensino de qualidade às crianças, adolescentes e aos adultos? Que transformação educacional e social nós desejamos? Assim, através de Freire podemos repensar o nosso ato de educar, de mediar conhecimentos, de construir conhecimentos na relação da didática. Nas salas de aula ainda existem Professores Opressores?

Forjando libertação em tempos de opressão

A centralidade da Pedagogia do Oprimido é o Ser Humano, que é sócio-cultural, histórico, e imerso entre as contradições, certezas, incertezas, estruturas capitalistas/opressivas e mentiras de uma sociedade marcada pelo antagonismo de classes (Opressora X Oprimida) que são camufladas pela igualdade inexistente das ideologias neoliberais. Com isso, Freire cunha a categoria SER MAIS, que perpassa todas as suas obras, e de modo particular, a Pedagogia do Oprimido, pois o Ser Humano, consciente da sua presença no mundo e atravessado pela história, vai saboreando a libertação das amarras da opressão e a consciência vívida do reconhecer o seu lugar no mundo mesmo que este lhe seja negado.

Nesta perspectiva, para acenar alguns pontos atuais da obra, levando em consideração que toda a Pedagogia do Oprimido é atualíssima, faz-se uso da categoria Ser Mais e perguntar: Quem é o ser humano? Como estão sendo no mundo, em um mundo que também está sendo? Qual o nível de consciência é possível ter das estruturas da realidade? Como recepcionar os conteúdos/informações midiáticas que atravessam existência humana? Quais as reações humanas diante de projetos “falseados” de humanismos? Como ser mais humano em uma sociedade que corre perigos de ser totalmente desumanizada pelo armamento de seus cidadãos? Será que o caminho da humanização é abandonar a palavra dialógica e geradora de amorosidade pela truculência e o descrédito aos sujeitos sociais? São elucubrações a serem refletidas com seriedade e urgência. Deste modo, torna-se necessário suspender o juízo e elucubrar ao máximo a respeito de tudo que envolve o ser humano e seu processo de enfretamento aos projetos desumanizadores e seus passos (esperados) no caminho da humanização possibilitado pela história.

Mas, o que seria a vocação ontológica do ser humano Ser Mais? A partir das leituras, percebe-se que a categoria Ser Mais é de amplitude epistemológica e abarca todas as outras categorias, ou seja, essa concepção reflete o ser humano no modo totalizante, ou seja, é uma concepção antropológica que compreende o percurso humano levando em consideração sua identidade (eu) e a coletividade desse ser humano. Na compreensão de Zitkoski (2017, p.369-370) “a categoria ser mais encontra-se situada na obra de Freire como um conceito chave para sua concepção de ser humano”. O ser mais é compreendido articulando-se com outros conceitos como “inacabamento”, “inédito-viável” “conscientização”, “mundo”, “diálogo” e “possibilidade histórica”. Através dessas relações conceituais, é possível vislumbrar a compreensão freireana de ser humano historicamente lançado ao mundo, aberto a inúmeras

possibilidades de vir a ser mais. Assim, entende-se que a materialização desta categoria se dá quando o sujeito, por meio da consciência, age no mundo, melhora a si mesmo e busca a transformação da sociedade.

Os processos de desumanização e humanização na sociedade são diversos e afetam o caminhar do ser humano na história impossibilitando que este seja mais. Esses processos desumanizadores são impostos externos aos sujeitos sociais e acabam ofuscando a dinâmica da utopia que move os seres humanos na concretização dos seus sonhos. Desta forma, Freire assevera,

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, da ordem econômica, política, social, ideológica, etc. que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz (FREIRE, 1994, p.99).

E esses sujeitos sociais? Quais as suas perspectivas de serem mais em cenários de opressão educacional, política, social, econômica e até cultural? E surgem infinitas indagações a respeito dos oprimidos: Quem são estes nos dias atuais? São os imigrantes, que além de sofrer em suas terras natais, ainda sofrem em territórios alheios? São os índios, que têm as suas terras roubadas pelos interesses políticos e do mercado? São os homossexuais, lésbicas, transgêneros e as travestis, que são mortos/as todos os dias nas regiões da nossa nação? São os negros, ainda invisibilizados e desconhecidos por sua negritude? São as mulheres, que são oprimidas por seus ditos maridos até que a morte violenta os separem? São os famintos? São os moradores de rua? São os professores de escolas públicas, que sofrem para garantir um ensino e aprendizagem em sala de aula, recebendo um salário mesquinho? São os educandos do campo, que muitas vezes não têm escola em seu território? São aqueles que sentem a democracia golpeada? Assim, a especulação torna-se uma pergunta metodológica que busca constantemente estes oprimidos (sujeitos oprimidos).

Mesmo alçando diversos questionamentos acerca de “quem são” os oprimidos, vale frisar que o sujeito em busca da criticidade é uma das possibilidades de transformação da realidade e do seu processo de ser mais, pois essa favorece o direcionamento da atividade crítica a uma *práxis* política que se constitui pela/na curiosidade a qual passa da ingênua à epistemológica. Assim, faz-se necessário que os educadores/as tenham a criatividade de usar o diálogo crítico que problematize temáticas e, assim, possibilite condições de formar “pessoas

críticas, de raciocínio rápido, com sentido de risco, curiosas, indagadoras (FREIRE, 2000, p.100). E, portanto, dessas práticas educativas respaldadas no diálogo constroem-se a conscientização dos sujeitos que se dá “na relação sujeito-objeto [...] o sujeito se torna capaz de perceber, em termos críticos, a unidade dialética entre ele e o objeto”. Com isso, “não há conscientização fora da unidade teoria-prática, reflexão ação” (FREIRE, 1981, p. 139).

Partindo da máxima de Paulo Freire, segundo a qual “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão”, os educadores deverão considerar o caráter coletivo e libertador do ato de educar, na perspectiva da educação problematizadora e dialógica, compreendida essencialmente como prática da liberdade: um ato, em si mesmo, político.

O desafio de sermos educadores progressistas requer a coerência ético-política diante da realidade social de exclusão e desumanização de milhões de seres humanos em um contexto de abuso e total indiferença do poder econômico diante do sofrimento humano. Ser educador coerente com o pensar certo é, segundo Freire, não se curvar diante dos “discursos fáceis” e manipuladores da ideologia neoliberal, que anestesia as mentes e os corpos com promessas de modernização pelo mundo afora, mas que, na prática, abandona a sociedade à própria sorte (ZITKOSKI, 2017, p. 312).

A Pedagogia do Oprimido é um convite atual para refletirmos as mais diversas formas de opressão no âmbito educacional e social. É imprescindível ler a Pedagogia do Oprimido neste contexto atual político em que acontecerá uma eleição presidencial. Necessita-se analisar quem são os oprimidos da sociedade e perceber como as propostas desses políticos compreendem as minorias. É a partir daí que é possível decidir com cautela... Não é a violência que transforma vidas, mas sim amorosidade de acreditar no ser humano, que ele é capaz de ser mais.

Considerações

O corpus reflexivo da obra Pedagogia do Oprimido auxilia não só o solo educacional como também o campo social, mormente, quando as discussões e realidades circunscrevem a existência dos sujeitos sociais na sociedade. Freire através de seu pensamento propicia reflexões críticas que servem de ferramenta para questionar a economia, a sociedade, a cultura, os pensamentos unívocos que tentam estagnar as compreensões holísticas e singulares de cada indivíduo e coletivos os quais constituem a sociedade. A opressão perpassa não só pela atitude

de agressão corporal, mas de ações silenciosas que atacam o emocional dos indivíduos, decisões danosas e até olhares desumanizadores.

A vida de Freire é também um livro a ser lido, relido e testemunhado, principalmente, no tange a espiritualidade do ser educador; de estar sendo ser humano aplicado em um processo de crescimento mútuo com os educandos, mediatizados pelo mundo. Não o mundo por si só, mas de todas as possibilidades sócio-históricas que este favorece para que por meio da experiência educativa, os homens e mulheres estejam engajados na conscientização de seus lugares no projeto societário do qual fazem parte e, assim, emancipados e conscientes dos deveres e direitos. Freire inspira a não estagnar no tempo, a não se fixar nos discursos de fatalismos. O educador da mangueira com seu testemunho de libertação, autonomia e esperança aponta para a utopia, o sonho, a ressignificação do que ficou da opressão da ditadura e por meio da sua (re)existência ensina a (re)existir diante dos projetos contrários a humanização, pois a vocação ontológica do ser humano é viver a poética de uma práxis humanizante.

Portanto, diversos são os aspectos e temas sociais que podemos relacionar com a opressão que se reflete na obra. A opressão de educadores/as para com os educandos. A opressão de políticos neoliberais/capitalistas que usurpam os sujeitos sociais e ferem seus direitos e subjetividades. Quantas políticas sociais e educacionais são negadas? Quantos projetos são abandonados por desvios de verbas? Quantos políticos defendem propostas para se constituir uma tal “Escola Sem Partido” que descredita, desvaloriza e desrespeita o/a professor/a em seu ofício de ajudar a educar a nação? Como quantos educandos são esquecidos quando os prédios das escolas são precários, e muitos em periferias ainda têm que estudar de barriga vazia? São as marcas das amarras impostas pelas classes burguesas que instruem obstáculos no horizonte das utopias e sonhos que movem tantos educadores/as e educandos/as a construir a vida no processo de humanização que a escola deve permitir a toda comunidade escolar e sociedade. Que as correntes dos sujeitos sociais sejam quebradas pela força da educação que encarna a justiça e repudia o fascismo, o ser menos e a barbárie. Que todos usem as lentes da consciência crítica freireana nos “olhos” e que (re)existam na esperança de quem age para transformar.

Referências

ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: 1981.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KANT, I. **Pedagogia**. Madrid: Akal, 1983.

RENDIN, Euclides; STRECK, Danilo R; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). Paulo Freire: uma breve cartografia intelectual. In: RENDIN, Euclides; STRECK, Danilo R; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SOUZA, João Francisco de. **Atualidade de Paulo Freire: Contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultural**. Recife: Bagaço, 2001.

TROMBETTA, Sérgio; TROMBETTA, Luis Carlos. Decência. In: RENDIN, Euclides; STRECK, Danilo R; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ZITKOSKI, Jaime José. Pensar Certo. In: RENDIN, Euclides; STRECK, Danilo R; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.